

de textos. Pierre Hadot chama a atenção para o fato de que a demonstração da Autora foi provada de modo «espetacular» e mesmo «sensacional» pelo testemunho antigo, ainda bastante próximo da época de Platão. Trata-se de uma «Vida de Platão» redigida por Dicéarco, discípulo de Aristóteles e citado pelo epicurista Philodemo em um texto integrando o acervo de papiros encontrados em Herculaneum. Hadot transcreve o episódio relatado por Themisteus (Orat XXIII, 295 c-d) que uma mulher de Phlonte, Ariotéia, após ter se entusiasmado pela leitura da *República*, disfarçou-se de homem para se tornar discípula de Platão.

Historiando as várias correntes exegéticas, Marie-Dominique transcreve a Hermenêutica de F. SCHLEIERMACHEN, teólogo protestante alemão (1768-1834) que parte do princípio da autarcia da obra platônica (*sola scriptura*). Schleiermachten preconiza a interpretação dos Diálogos a partir deles próprios. Particularmente, achamos a interpretação de Schleiermachten extremamente cativante. Sua forma dialógica e o conceito romântico de «organismo», como o descreve Marie-Dominique, se entrosam muito bem. Para Schleiermachten, «Platão deve ser compreendido como um artista-filósofo. Platão se esforçou para tornar a transmissão do saber através da obra escrita tão semelhante quanto possível à comunicação oral, na comunicação da Verdade.» Schleiermachten adverte que «o sentimento de não ter achado nada ou não ter compreendido nada» somente acontece com o leitor inepto em se colocar à altura do verdadeiro ouvinte» (22). Para este teólogo, não somente o fundo e a forma de cada Diálogo formam uma unidade orgânica, como também o conjunto dos Diálogos formam um «tecido vivo». Concordamos plenamente com Schleiermachten e convém se lembrar da vida palpitante que se encerra na obra ciclópica de Balzac, também devendo ser considerada como um todo articulado e orgânico. Gaiser K. (Platons ungeschriebene Lehre) vai dizer que o método, a busca, o estudo de Platão é uma empresa infinita pois faz descobrir ao filósofo a inadequação perpétua do saber humano em face da realidade última.

Prof. Arthur José Almeida Diniz

CORM, Georges. *Géopolitique du conflit libanais*. Paris, La Découverte, 1986.

Georges Corm é economista e sociólogo libanês, autor de inúmeras obras consagradas ao desenvolvimento e à planificação no terceiro mundo. Seu enfoque sobre o atual conflito no Líbano é bem claro. O livro, didaticamente escrito, vai nos oferecer três pontos bases para compreendermos a questão dos conflitos no Oriente Médio. O autor nos aclara, inicialmente, sobre os dados básicos do conflito. Esta primeira parte é o inventário de uma geopolítica desconhecida, uma sociologia histórica ignorada, tendo por consequência um bloqueio inevitável da independência do Líbano. Em um segundo ponto chave de sua obra, Georges Corm vai nos falar dos 'Jogos Comunitários' com isso nos oferecendo uma pequena história do Líbano onde podemos compreender a magnitude da questão no Oriente Médio que deve ser tomado como um todo e não como encorajante) dos diálogos platônicos é demonstrado por exame vastíssimo

conflitos regionais, isolados, fruto de insatisfações sectárias como nos querem fazer ver uma política imperialista russa ou americana ou mesmo o 'enclave' militar de Israel, o espinho na carne do mundo árabe. Descrevendo a desestabilização da entidade libanesa desde 1967 Georges Corm vai nos descrever uma realidade que poucos perceberam: o Líbano é o último elo da cadeia do gigantesco império otomano, reproduzindo em miniatura todos os conflitos daquele império que soube congregar em seu seio, com razoável e notável estabilidade, grupos étnicos e religiosos tais como as presenças árabe, hebréia, assíria, armênia, curda, iraniana, tcherkessa, turcomena, bem como os grupos religiosos dos muçulmanos, das igrejas orientais católicas, isto é, melkitas, armênios, maronitas, jacobitas e nestorianos, estas últimas separadas do catolicismo oficial, sem falar-se ainda nos grupos dissidentes muçulmanos dos sunitas e chaitas, além dos judeus, todos estes grupos dispersos por todo o Oriente Médio, com suas contradições e radicalismos. De uma análise dessas diversidades culturais e religiosas Corm vai analisar no terceiro e último bloco de capítulos o que denominou a Cultura da discórdia.

Terminando com a proposta de edificar uma cultura nacional libanesa, isto é, propondo a pesquisa histórica com base na diversidade e na riqueza da cultura libanesa, ignorada pelas gerações mais jovens ao ponto de, como diz o autor, «se é branco para Ahmad, será indiscutivelmente negro para Maroun e vice-versa.» (p. 241).

O livro nos oferece informações de grande interesse histórico para avaliarmos nossa ignorância com referência ao gigantesco conflito que se estende por todo o Oriente Médio, com dois componentes que conhecemos superficialmente: a arrogância do Estado de Israel e os fanatismos incuráveis do mundo árabe. Fato importante é que «os problemas sucessórios do Império Otomano jamais foram resolvidos. Desaparecido em 1919, ao final da Primeira Guerra Mundial, este Império cujo longo declínio e prolongada agonia criaram o que se denominou durante o século XIX de — questão do Oriente — nunca teve sucessão corretamente assumida, tanto nos Balkans quanto no Oriente Próximo.» (p. 37) Destas contradições podem ser examinados três aspectos. O primeiro deles é o de uma sociedade pluriétnica e pluricomunitária. O grande sucesso do Império Otomano foi o de ter conseguido administrar durante séculos territórios nos quais populações de origens étnicas as mais diversas bem como possuindo os mais diversos credos religiosos aí jaziam há milênios. Além de assegurar a estas coletividades uma paz interna, ofereceu-lhes, algumas vezes, uma certa prosperidade. Para termos uma idéia destas diversas sociedades convém lembrarmos de que sob o mesmo guante do império otomano viviam: egípcios, babilônios, hebreus, iranianos, gregos, romanos, bizantinos, árabes, bérberes, curdos, mongóis, tártaros. Convém lembrar de que estes mesmos povos quando se erigiam em impérios faustosos, com exceção dos Egípcios, nunca conseguiram ter mão firme nesta parte do Globo. Todos estes povos e mais modernamente franceses, ingleses, israelenses, jamais conseguiram obter um mínimo de coerência interna. O império otomano foi um Império multiracial, plurireligioso, cujos fundamentos foram consolidados por Solimão o Magnífico no século XVI, fazendo reinar a justiça para todos. Vai se destruir na tirania e no massacre, não sem ter tentado inúmeras vezes durante o século XIX se atualizar pelo modelo constitucional moderno, sob os assaltos repetidos da expansão colonialista européia. E convém lembrar também que

das ruínas deste império surgirá, brutal, violento, cruelíssimo, o nacionalismo turco que, ignorando o pluralismo étnico e cultural otomano, sobre o qual vai se apoiar Mustapha Kemal para impedir o desmembramento final do território e construir a república turca leiga do século XX. (p. 59). O sistema libanês (não a nação libanesa) herdou este pluralismo do império otomano. Mas este sistema está sendo destruído por sua vez pelas ambições regionais dos vizinhos e pela rivalidade das grandes potências. Para terminarmos, convém refletir com LEPARGNEUR, Hubert. *Islamismo versus comunismo Política e Estratégia*. São Paulo, jul.-set. 1986, v. 3:466-491 que «A força do Islã brota da simplicidade duma fé que não renuncia à terra na esperança do céu prometido por Alá pela voz do Profeta Maomé. A fraqueza do Islã provém dos particularismos que dividem constantemente grupos muçulmanos contra facções rivais... A força e fraqueza do Islã lhe ocorrem da unidade de uma língua que quase todos os fiéis a entendem, junto com uma incrível descentralização dos polos de poder. Polos de poder há, evidentemente, no Islã, mas a mística desta religião insiste na imediatez do relacionamento individual com a divindade, sem a mediação do tipo do sacramentalismo católico ou do César-papismo medieval; nesta perspectiva a experiência xiita parece um desvio ou pelo menos uma perigosa tentação.» (p. 466). Convém lembrar-se de que sunitas constituem os tradicionais (lealistas), o soberano tem de ser o primeiro fiel. Já os perigosos xiitas: legitimistas que se agruparam atrás de Ali, sogro de Maomé: a legítima inspiração passa de direito divino a um imã da santa família (e não ao soberano, como no caso sunnita). Aí estão os ingredientes de conflitos presentes.

Prof. Arthur José Almeida Diniz